

## **Estética da existência, resistência ao poder**

Prof. Dr. Guilherme Castelo Branco

UFRJ

### **Resumo:**

O artigo, que trabalha com os textos originais de Foucault, revela os vínculos entre os conceitos de 'estética da existência' e de 'resistência ao poder', o que leva à hipótese de que existe estreito vínculo entre estética, filosofia política, e atualidade na fase madura(1978-1984) do filósofo francês.

L'article, en s'appuyant sur les textes originels de Foucault, démontre les liaisons entre les concepts de l'esthétique de l'existence' et de 'résistance au pouvoir', ce qui amène à l'hypothèse d'une étroite relation entre esthétique, philosophie politique e actualité à la maturité de la pensée(1978-1984) du philosophe français.

### **Palavras-chave**

1- estética da existência; 2- resistência ao poder; 3- Foucault, M.; 4- filosofia política; 5- atualidade.

1- esthétique de l'existence; 2- résistance au pouvoir; 3- Foucault, M.; 4- philosophie politique; 5- actualité

Um breve momento de uma entrevista de Michel Foucault, já em sua fase ético-política(1978-1984), chama a atenção de todos. A passagem tem as marcas de um grande pensador e traz uma inquietação muito distante do senso comum: “o que me surpreende é que em nossa sociedade a arte esteja relacionada apenas aos objetos e

nunca aos indivíduos e à vida; e, também, que a arte esteja num domínio especializado, o dos *experts* que são artistas. Mas a vida de todo indivíduo não é uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas não as nossas vidas?”(FOUCAULT, 1994, vol. IV, pág. 617).

Todos os leitores sensíveis ao mundo da arte, assim como os teóricos em estética, da mesma maneira que todos aqueles tocados pela questão da vida, não podem ficar indiferentes diante desta passagem, que põe no centro da cena o vínculo entre beleza e vida, sobretudo porque no calor da entrevista, Foucault deixa entrever que o tema da beleza a se dar à própria vida é um tema possível para todo homem.

Todavia, a estética da existência não é nem poderia ser o grande tema de Foucault. Ao longo de sua vida filosófica, Foucault repete que tem a mais pura e imperativa necessidade de pensar seu tempo, de pensar o presente no qual vive e o mundo com o qual tem que se deparar e criar respostas aos desafios por ele lançados. Que a filosofia tem por função fazer um diagnóstico do presente, eis um tema constante de Foucault, que ele jamais abandonou desde o começo dos anos sessenta até sua morte. O que não impede que a pergunta sobre a beleza a se dar à vida tenha importância no pensamento de Foucault, em especial se tiver como cenário a atualidade e formas de vida recentes.

Na entrevista que citamos acima, publicada no *Dits et Écrits* sob o número 344<sup>1</sup>, Foucault reitera seu interesse primeiro com o presente. Ele faz questão de separar seu interesse pela problematização moral dos gregos antigos de qualquer utilização desta moral na atualidade: ”dentre as invenções culturais da humanidade, há todo um tesouro de procedimentos, técnicas, idéias, mecanismos, que não podem ser, verdadeiramente, reativadas, mas que podem ajudar a constituir uma espécie de ponto

---

<sup>1</sup> Sob o título *À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours*, entrevista com Dreyfus e Rabinow

de vista que pode ser útil para analisar e transformar o que se passa conosco na atualidade. { } Nós não temos que escolher entre nosso mundo e o mundo grego. Mas, uma vez que podemos observar que alguns dos grandes princípios morais de nossa moral foram vinculados, num determinado momento, a uma estética da existência, creio que este tipo de análise pode ser útil”( FOUCAULT, 1994, vol. IV, 616/617).

Um dos grandes equívocos que devemos evitar é considerar Foucault como um pensador do cuidado de si e interessado na estética da existência como sendo um aspecto do cuidado de si, que propõe a cada um de nós cuidar de seu mundo, de maneira subjetiva e particular. Cabe lembrar do conhecido personagem de Saint-Exupery, o pequeno príncipe, que cuidava de seu pequeno planeta para que tudo nele estivesse em ordem e harmonia. Foucault detestava Saint-Exupery, detestava seu ‘humanismo amolecido’<sup>2</sup> e nada mais ridículo para ele que qualquer modo de utilização moralista e ordenada da estética da existência. A tal ponto, que para dar o tom, o filósofo afirma que “ de certo modo, viu-se a mesma coisa no século XX, quando as pessoas, para terem uma vida mais bela e exuberante, procuraram se desembaraçar dos constrangimentos sexuais que lhes eram impostos pela sociedade. Na Grécia, Gide seria tido como um filósofo austero.”(Foucault, 1994, vol. IV, pág. 616). Todo estudioso de Foucault deve ter em mente o que está em jogo na fase ético-política: são as lutas de resistência nas relações de poder. Foucault, decididamente toma partido pela versão mais corrosiva e libertária do ‘cuidado de si’, onde o indivíduo(como Gide) se fabrica, a partir de uma cuidadosa ontologia e criteriosa reflexão sobre os desafios abertos pelo tempo presente, entrando sempre em luta com os poderes hegemônicos. Neste assunto, Foucault é mais generoso com os leitores, e suas ponderações não deixam dúvidas.

---

<sup>2</sup> Vide entrevista a Caruso, no *Dits et Écrits I, texto* n° 50.

Desde 1978, Foucault insistiu na idéia de que a motivação que atravessa o pensamento filosófico ocidental, inaugurada por Kant, dirige-se a dois objetivos complementares. O primeiro deles, “procurar saber qual foi o momento (na sua cronologia, nos seus elementos constituintes, nas suas condições históricas) no qual o Ocidente, pela primeira vez, afirmou a autonomia e a soberania de sua própria racionalidade...”(FOUCAULT, 1994, vol III, pág. 431) O segundo objetivo, é o de “analisar o ‘momento presente’ e buscar, em função do que foi a história desta razão, em função também do que pode ser seu inventário atual, que relação deve se estabelecer com este gesto fundador...”(FOUCAULT, 1994, vol. III, pág. 431) Esta articulação entre filosofia e modernidade, ademais, não deixa de ter efeitos no modo pelo qual Foucault enxerga o mundo da filosofia : na modernidade, a filosofia deve pensar e atuar de modo agonístico e combativo no mundo social, preocupando-se com o cotidiano e com o presente. Esta questão perdura nos últimos dois séculos, “não como uma maneira para o Ocidente tomar consciência de suas possibilidades atuais e das liberdades às quais pode ter acesso, mas como uma maneira de interrogá-lo sobre seus limites e sobre os poderes dos quais extrapolou”.(FOUCAULT, 1994, vol. III, pág. 433) O que o pensamento filosófico tem como objetivo, e que é a mesma motivação que anima todas as demais lutas de resistência, é descrever, denunciar e esclarecer os abusos praticados pelas formas de poder hegemônicas e propor novas perspectivas ético-políticas. Todavia, Foucault descrê que o discurso filosófico, sozinho, tenha a capacidade de cuidar e controlar os abusos de poder em curso.

Michel Foucault, portanto, tem como foco o campo das lutas que visam à defesa da liberdade, que constituem uma nova economia nas relações de poder, e dedica-se a um tipo de investigação, que “...consiste em tomar as formas de resistência aos diferentes tipos de poder como ponto de partida”.(FOUCAULT, 1994, vol. IV, pág. 225) O

campo desses afrontamentos e resistências ao poder é claramente identificado por ele: lutas contra a dominação(étnicas, sociais, religiosas), lutas contra as formas de exploração(que separam o indivíduo do que ele produz), e, finalmente, lutas que levantam a questão do estatuto do indivíduo. No rol das lutas em torno do estatuto do indivíduo estão as lutas contra o assujeitamento<sup>3</sup>, assim como as diversas lutas contra as diversas formas de submissão da subjetividade. A perspectiva foucaultiana privilegia este último campo de resistência, porque ele tem, na atualidade, muitas possibilidades de êxito, em função da multiplicidade de formas possíveis e de estratégias de ação que pode assumir. As lutas que discutem a questão do estatuto do indivíduo, mobilizam Michel Foucault, pelo fato de que ele as considera bem mais radicais e criativas, do ponto de vista estratégico, que as outras formas de luta.

As lutas em torno do estatuto do indivíduo tem dois objetivos interdependentes: “por um lado, afirmam o direito à diferença e apóiam tudo o que pode tornar os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado são contrárias a tudo o que pode isolar o indivíduo, separá-lo dos outros, cindir a vida comunitária, constranger o indivíduo a dobrar-se sobre si e amarrá-lo à sua própria identidade”.(FOUCAULT, 1994, vol. IV, pág. 26/227) Toda luta pela autonomia é, antes de mais nada, um processo iniciado na subjetividade, mas que não termina, de maneira alguma, na esfera subjetiva. A luta pela autonomia do indivíduo não o conduz, em nenhuma hipótese, ao individualismo, ou seja, não o leva a uma forma de vida voltada para si e para seu mundo próximo, íntimo e familiar( no sentido da moralidade burguesa). O processo de singularização somente tem sentido quando culmina na superação do individualismo pela nova aliança do indivíduo com novas formas de vida e novos vínculos comunitários. É um equívoco, assim,

---

<sup>3</sup> Prefiro a tradução ‘assujeitamento’, ao invés de ‘sujeitamento’, por estar mais de acordo com o pensamento agonístico de Foucault. A assujeitamento consiste num exercício de controle da subjetividade que constitui a própria individualidade, como uma subjetividade voltada para ela mesma e cindida dos outros.

considerar o indivíduo empírico-social, seu mundo 'familiar' e meu 'meio vital', como o objetivo maior das resistências ao poder. Pois a resistência iniciada na subjetividade prolonga-se no domínio público: a ambos os domínios é tarefa constante criar e recriar novas experiências, tanto pessoais quanto coletivas.

A recusa das formas de subjetividade que nos foram impostas converte-se, assim, numa questão política de real densidade: temos que procurar elaborar formas de vida livres e autônomas dentro de sistemas sócio-políticos que trabalham incessantemente para submeter as pessoas a práticas divisórias, disciplinares, individualizantes, normalizantes, com o auxílio de técnicas e de conhecimentos científicos.

É a idéia de política e de universo político que deve mudar, e cabe aos indivíduos e aos grupos sociais a invenção de novas formas de atuação política. Foucault toma, como exemplo, as experiências política dos anos sessenta e setenta, quando proliferaram movimentos políticos não programáticos como os das prisões, ecológicos, em defesa da liberdade sexual, etc. Um movimento político não programático não é, lembra Michel Foucault, um movimento desprovido de reflexão, originalidade e criatividade. Observe-se a passagem a seguir: “penso que se deve preservar o que se produziu nos anos sessenta e no início dos anos setenta. Uma das coisas que deve-se preservar, a meu ver, é a existência, fora do programa normal dos grandes partidos políticos, de certa forma de inovação política, de criação política, de experimentação política. É um fato que a vida cotidiana das pessoas mudou entre o início dos anos sessenta e este momento{1984}, e minha própria vida é testemunho disso. Essa transformação, evidentemente, não se deve aos partidos políticos, mas a inúmeros movimentos. Esses movimentos sociais transformaram verdadeiramente nossas vidas, nossa mentalidade e nossas atitudes, *assim como* as atitudes e a mentalidade de outras pessoas – pessoas que não pertenciam a esses movimentos. Aí está alguma coisa muito importante e positiva”.(FOUCAULT, 1994, vol. IV, pág. 743)

Os novos movimentos libertários, na medida em que estão voltados para a vida cotidiana, para a experimentação e criação, realizam a *atitude de modernidade*. Foucault define a atitude de modernidade como: “....um modo de relação com a atualidade; uma escolha voluntária feita por alguns; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, ao mesmo tempo, caracteriza um pertencimento e se apresenta como uma tarefa”.(FOUCAULT, 1994, vol. IV, pág. 568) É interessante observar que, apesar de inspirado em Kant, o conceito de atitude de modernidade está sintetizado em Baudelaire, artista bem distante do filósofo alemão seja na vida como na obra.

A atitude de modernidade se mostra particularmente importante num mundo no qual controle e liberdade estão numa tensão agonística incessante, exigindo, portanto, respostas-limite ou atitudes-limite, incompletas e abertas ao porvir. O caráter fugaz da atitude de modernidade comparece com vigor na breve e preciosa passagem de Foucault sobre Baudelaire no *Qu'est-ce que les Lumières?*. Baudelaire é indicado neste texto como o representante maior da atitude de modernidade e da estética da existência no século XIX, em razão de sua vida, por sua obra, e também devido a seu modo de enxergar as coisas. Baudelaire é percebido como um sujeito ético que pôde dar um estilo ou forma à sua vida, como alertou Nietzsche, “ao preço de uma lenta preparação e de um trabalho cotidiano”<sup>4</sup>, em conformidade com os desafios de seu tempo e de modo radical.

Os motivos para esta homenagem a Baudelaire são os seguintes, em poucas palavras: a) existe em Baudelaire uma postura que supera a aceitação da modernidade como se ela fosse tão somente uma ruptura com a tradição, e, conseqüentemente, consistisse no acatamento das tendências e gostos de um certo tempo; na verdade, há uma distância real entre uma e outra: a atitude de modernidade busca apreender algo de durável

---

<sup>4</sup> Vide *Gaia Ciência*, aforismo 290.

no tempo, enquanto que a moda é tão somente uma forma de seguir tendências momentâneas; b) a atitude de modernidade, por outro lado, não visa a uma sacralização e perpetuação do presente. A atenção com o presente não se resume ao ato de colecionar fatos pitorescos e interessantes apreendidos por uma curiosidade sem critério. O homem da modernidade difere do homem mundano e curioso porque sua atenção pelo presente está a serviço de uma imaginação ativa que não visa a aniquilar a realidade, mas a captá-la no que ela é, sob uma forma irônica e não-conformada. O que entra em cena, neste particular, é o trabalho de transfiguração do real através da articulação da verdade do real com o exercício da liberdade. Assim, “a modernidade baudelairiana é um exercício no qual a extrema atenção com o real é confrontada com a prática de uma liberdade que, ao mesmo tempo, respeita o real e o viola”(Foucault, 1994, vol IV, pág. 570); c) segundo o poeta francês, a modernidade não acontece tão somente como uma forma de se relacionar com as coisas e com o mundo; ela é, sobretudo, um modo especial de relacionamento do indivíduo consigo mesmo, o que demanda, como efeito, um ascetismo e um complexo modo de elaboração de si, que sob a modalidade da doutrina da elegância de Baudelaire, culmina no dandismo, com suas severas regras e cuidados. Segundo Baudelaire, o homem moderno não é aquele em sai em busca de suas verdades intrínsecas e de seu ser próprio, mas é aquele que se constitui e se inventa jogando com o seu tempo e com sua subjetividade; d) o lugar de realização da modernidade não se dá na conformidade com as regras morais e com os códigos políticos; seu *locus* é o da vida usufruto de invenção, como modalidade de elaboração de outro(s) modo(s) de vida, dentre os quais aquele(s) que articula(m) arte e vida.

Devemos, portanto, recusar a interpretação da estética da existência como um modo de vida marcada em seu âmago pela arte, como se a arte fosse apenas vocação pessoal de certos artistas. Tal interpretação pode dar a falsa impressão, à primeira vista, de que o



lugar da arte é *topos* singular e pessoal de uma ética meramente subjetiva que desdobra-se numa estética da existência pessoal. Não é o caso: Foucault faz questão de afirmar, de maneira a não deixar qualquer dúvida, que a estética da existência, enquanto atitude pela qual tornamo-nos artífices da beleza de nossa própria vida, é um estilo de vida de alcance comunitário, por ele também denominado de modo de vida “artista”, realizável por todo aquele que seja capaz de questionamento ético e que seja realizador, a seu algum modo, da atitude de modernidade: “o prazer por si pode perfeitamente assumir uma forma cultural, como o prazer pela música. E deve-se compreender que trata-se, nesse caso, de alguma coisa muito diferente do que considera-se interesse ou egoísmo. Seria interessante verificar como, no século XVIII e XIX, toda uma moral do “interesse” foi proposta e inculcada na classe burguesa – por oposição, sem dúvida a todas as artes de si mesmo que poder-se-iam encontrar nos meios artístico-críticos; a vida “artista”, “o dandismo”, constituíam outras estéticas da existência opostas às técnicas de si que eram características da cultura burguesa”. (FOUCAULT, 1994, vol. IV, pág. 629)

A estética de si representa a antítese do individualismo burguês obcecado pela segurança, defesa da propriedade, previdência social, vida confortável dos membros da família; na verdade, a estética da existência é uma moral compartilhada por toda uma comunidade desvinculada da moral do “interesse” existente na sociedade burguesa. A estética da existência, considerada deste ponto de vista, implica em valores e formas de vida criativos, solidários, generosos e ousados, no limite possível da experimentação histórica. Foucault, não pára aí, e ainda acrescenta: “eu evoquei, há pouco, a vida “artista”, que teve uma importância tão grande no século XIX. Poder-se-ia também considerar a Revolução, não apenas como um projeto político, mas como um estilo, um modo de existência com sua estética própria, seu ascetismo, formas particulares de relação consigo mesmo e com os outros”. (FOUCAULT, 1994, vol. IV, pág. 629). A estética da

existência, vejamos, pode e deve ser compreendida, à luz dessas declarações, um dos modos possíveis de realização estilística da liberdade, podendo ter até mesmo caráter revolucionário.

Cabe lembrar, todavia, que a questão de Foucault jamais poderia ser a da arte engajada. Apesar de ter enorme importância para que compreendamos importantes tomadas de posição teóricas no decorrer do século XX, não podemos negar que o vínculo entre arte e contestação política, foi um dos temas mais empobrecedores da discussão estética de nosso tempo. A recusa de Foucault do mérito e ressonância das formas instituídas de ação política, em especial aquelas decorrentes da política partidária, por si só, são mais que suficientes. A ação política reconhecida, para ele, é verdadeiramente estéril no processo de transformação do enorme campo de tensão em jogo no mundo contemporâneo. Como conseqüência, fazer depender a arte de posicionamentos políticos, tal como foi ensaiado por muitos pensadores, consiste numa abdicação da liberdade e da autonomia da arte e do pensamento, o que é absolutamente incompatível com o espírito do último Foucault. O que não implica na recusa do papel contestador e radical da arte. Que a arte traga em si a renovação tanto do campo perceptivo quanto do mundo vital, eis um fato inegável de nosso tempo, ao qual Foucault sempre esteve atento e sempre acatou, assim como sempre violou.

A vida, no seu sentido mais encarnado e próprio, é o lugar da frágil e fugaz experiência humana. Mudar a si e ao mundo, é uma decisão distante de todos os que não conhecem a possibilidade do porvir e da invenção de novas formas de vida. Quem se inventa, claro, desenha o momento futuro e vai ao seu próprio espaço de humanidade. Como lembra Foucault, “a existência é a matéria primeira e mais frágil da arte humana, e também seu dado mais imediato”.(FOUCAULT, 1994, vol. IV, pág. 630/631)

Situar a própria vida como foco de resistência às potências da biopolítica e da sociedade de controle, eis uma proposição absolutamente original de Foucault, que enxerga na estética da existência um dos modos de afirmação da liberdade e da criação. É a vida, tão frágil, o ponto de partida para o exercício da estética da existência como oposição aos poderes hegemônicos, exercício de resistência que é lugar de confluência da ética, da política e da estética.

### **BIBLIOGRAFIA:**

CASTELO BRANCO, G. - Saber e poder em Foucault **in** *Revista Brasileira de Filosofia*, fasc. 169, vol. XLI. SP: IBF, 1993.

Saber e poder: a genealogia de Michel Foucault **in** *Temas e Textos*. RJ: IFCS/UFRJ, 1995.

Foucault e a estética da existência **in** *Crítica*, nº 8, vol. 2. Londrina: UEL, 1997.

A modernidade em Foucault: uma breve exposição **in** *Princípios* nº 5. Natal: UFRN, 1997

Foucault e os modos de subjetivação **in** *Ciências Humanas*, nº 20, vol. 2. RJ: UGF, 1997.

As resistências ao poder em Michel Foucault **in** *Transformação*, vol. 24. SP: UNESP, 2001.

Kant do último Foucault: liberdade e política **in** *Ethica*, vol 8, nº 2,. RJ: UGF, 2001.

O racismo no presente histórico: a análise de Michel Foucault **in** *Kalagatos*, vol 1, n° 1. Fortaleza: UECE, 2004.

Um incômodo: a acomodação **in** *Verve*, n° 6. SP: NU-SOL – PUC/SP, 2004.

Atualidade e Liberdade em Michel Foucault **in** *Ethica* vol. 12, n° 1 e 2. RJ: UGF, 2005.

CASTELO BRANCO, G. – *Foucault com Deleuze: normalização, alternativa, diferenciação* in Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência( org. Jorge Vasconcellos e Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso). Londrina: Ed. UEL, 1995.

*Considerações sobre ética e política* in Retratos de Foucault( org. Guilherme Castelo Branco e Vera Portocarrero). RJ: NAU Ed.,2000.

*As lutas pela autonomia e liberdade em Michel Foucault* in Anais das terças transdisciplinares: experimentando as fronteiras entre a Psicologia e outras práticas teóricas( Org. Jorge Coelho Soares, Ariane P. Ewald, Carla Damas),RJ: Nappe/IP/UERJ/CRP,2001

*As lutas pela autonomia em Michel Foucault* in Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias nietzschianas( Org. Margareth Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi, Alfredo Veiga-Neto). RJ: DP&A, 2002.

*Agonística, política e liberdade no último Foucault* in Soberanias( org. Márcia Aran). RJ: Ed. Contracapa, 2003.

*A prisão interior* in Kafka, Foucault: sem medos(org. Edson Passsetti). SP: Ateliê Editorial, 2004.

*Kant no último Foucault: liberdade e política*, in Michel Foucault: entre o murmúrio e a palavra(org. Tereza Cristina B. Calomeni). Campos: Ed. Faculdade de Direito de Campos, Campos, 2004.

*O intolerável*, in *A tolerância e o intempestivo*( org. Edson Passetti e

Salete Oliveira). SP: Ateliê Editorial, 2005.

FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.

*Surveiller et punir*. Paris: Gallimard, 1975.

*Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, 4 vols.